

## RELAÇÕES GEOECONÔMICAS DA MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE COM A CHINA (2003-2020)<sup>1</sup>

Eduardo von Dentz<sup>2</sup>  
Carlos José Espíndola<sup>3</sup>

**Resumo:** A China, com sua economia do projeto (JABBOUR e GABRIELLE, 2021), vem crescendo economicamente e aumentando as participações nas relações comerciais de diferentes países do mundo, sobretudo nos últimos anos. Após 2003, as relações geoeconômicas da China com o Brasil passaram por expressivo crescimento, tanto no que se refere às exportações como às importações. Diferentes regiões do interior do Brasil seguiram essa perspectiva e recentemente passaram a ter na China seu principal parceiro comercial internacional. No caso da mesorregião Oeste catarinense, estudada preliminarmente na sua relação geoeconômica com a China neste artigo, nota-se a confirmação de que a China se configura no principal parceiro comercial da região. Neste sentido, o objetivo do presente artigo é compreender a evolução das relações geoeconômicas da região Oeste catarinense com a China, a partir da análise do crescimento das relações comerciais entre a região e o país. Metodologicamente, o artigo foi redigido a partir de: 1) levantamento bibliográfico; 2) levantamento de dados e; 3) organização, tratamento e análise dos dados em cruzamento com a bibliografia levantada. Como resultados principais, tem-se: houve estreitamento das relações comerciais Brasil-China a partir de regiões do interior do Brasil, como o Oeste catarinense; as exportações do Oeste catarinense para a China são menos sofisticadas tecnologicamente do que as importações; há vasta possibilidade de crescimento e maturação tecnológica no Oeste catarinense para melhorar tecnologicamente a pauta exportadora.

**Palavras-chave:** Relações geoeconômicas. Comércio exterior. China. Oeste catarinense.

## THE GEOECONOMIC RELATIONSHIPS OF THE WEST CATARINENSE WITH CHINA (2003-2020)

**Abstract:** China, with its planned economy (JABBOUR e GABRIELLE, 2021), has been growing economically and incrementing participation in trade relations of different countries in the world, especially in recent years. After 2003, China's geoeconomic relations with Brazil underwent significant growth, both in terms of exportations and importations. In this context, different regions of the interior of Brazil followed this perspective and recently started to have China as their main international trade partner. In the case of the West mesoregion of Santa Catarina, studied preliminarily in terms of its geoeconomic relationship with China in this article, can see the confirmation that China is the main trading partner in the region. In this sense, the objective this article is understand the evolution of the geoeconomic relations of the West region of Santa Catarina with China from the analysis of the

<sup>1</sup> Agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Geociências, Florianópolis, Brasil, [eduardovondentz@hotmail.com](mailto:eduardovondentz@hotmail.com), <https://orcid.org/0000-0002-0280-1149>.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Geociências, Florianópolis, Brasil, [carlos.espindola@ufsc.br](mailto:carlos.espindola@ufsc.br), <https://orcid.org/0000-0002-5857-6067>.

growth of commercial relations between the region and the country. Methodologically, the article was written since: 1) bibliographic survey; 2) data collection and; 3) organization, treatment and analysis of data in crossing with the raised bibliography. The principally results there is: there was a strengthening of Brazil-China trade relations from regions in the interior of Brazil, such as the West of Santa Catarina; West of Santa Catarina exports to China are less technologically sophisticated than imports; there is a vast possibility of growth and technological maturation in the West of Santa Catarina to improve technologically the export agenda.

**Keywords:** Geoeconomic relationships. External trade. China. West catarinense.

## **RELACIONES GEOECONÓMICAS DE LA MESOREGIÓN OESTE DE SANTA CATARINA CON CHINA (2003-2020)**

**Resumen:** La China, con su economía de planeamiento (JABBOUR y GABRIELLE, 2021), viene creciendo económicamente y aumentando las participaciones en las relaciones comerciales de distintos países del mundo, especialmente en los últimos años. Después de 2003 las relaciones geoeconómicas de China con Brasil pasaran por expresivo crecimiento, en las exportaciones y en las importaciones. Distintas regiones del interior de Brasil seguirán la misma perspectiva y más recientemente pasarán a tener en China su principal socio comercial internacional. En el caso de la mesoregión Oeste del estado de Santa Catarina, estudiada preliminarmente en su relación geoeconómica con China en este artículo, es notable la confirmación de que China se configura en el principal socio comercial de la región. En este sentido, el objetivo del presente artículo es comprender la evolución de las relaciones geoeconómicas de la región Oeste de Santa Catarina con China llevando en consideración el análisis del crecimiento de las relaciones comerciales entre la región y el país. Metodológicamente, el artículo fue escrito a partir de: 1) levantamiento bibliográfico; 2) levantamiento de datos y; 3) organización, tratamiento y análisis de los datos en cruzamiento con la bibliografía levantada. Como resultados principales, se tiene: hubo estrechamiento de las relaciones comerciales Brasil-China a partir de regiones del interior de Brasil, como es el caso de la región Oeste de Santa Catarina; las exportaciones del Oeste de Santa Catarina para China son menos sofisticadas tecnológicamente que las importaciones; existen muchas posibilidades de crecimiento y maduración tecnológica en Oeste de Santa Catarina para mejorar tecnológicamente su pauta de exportación.

**Palabras clave:** Relaciones geoeconómicas. Comercio exterior. China. Oeste de Santa Catarina.

### **Introdução**

Uma das preocupações mais importantes no cenário econômico mundial das últimas duas décadas é sobre a participação da China no comércio exterior dos blocos econômicos, dos países e das regiões ao redor do mundo. Entretanto, conforme apontam Jabbour, Dantas e Espíndola (2020, p. 19), o conjunto da produção bibliográfica que se dispõe nos trabalhos acadêmicos (teses, dissertações,

artigos, livros e outros) escritos sobre a China “não conseguem apontar para o fato de que na realidade está ocorrendo no referido país a construção de um edifício original, onde nascem e renascem novos elementos e novas instituições de diferentes épocas históricas”. Essa construção está calcada na forma do Estado chinês em planificar suas ações pensando no futuro do país, do seu povo.

Jabbour, Dantas e Espíndola (2020) ressaltam que o expressivo crescimento chinês não é fruto do acaso e também não é um milagre do momento. A essa economia chinesa que notadamente chama atenção do mundo, Ignácio Rangel (1959) chamou economia do projetamento. Para compreender o que é a economia do projetamento e seus gigantescos resultados socioeconômicos faz-se necessário observar o movimento que acontece na China como parte da história da civilização humana. Paralelamente, faz-se necessário compreender como, onde e por quais razões diferentes nações e regiões do mundo passaram a ter uma relação maior, principalmente comercial e geoeconômica, com a China após os anos 2000 (neste texto o recorte temporal será entre 2003 e 2020)<sup>4</sup>.

Rangel (1957, p. 291) afirma que a maneira de intervir conscientemente na história é obtendo “pelo planejamento o que antes se fazia por si, pois a sociedade que não garantir essas condições entra em crise e perece”. Neste sentido, a China não apenas vem dando uma resposta eficaz ao mundo capitalista que fracassou na esfera do combate às desigualdades sociais e no combate à pandemia do Covid-19, por exemplo, como também aponta para uma nova maneira de governar olhando para seus problemas reais e pensando soluções a partir deles. Diante disso, a nova economia do projetamento interfere na mudança da qualidade de vida na China, no crescimento planejado da economia, na tomada da dianteira no comércio internacional, dentre outros pontos.

Neste contexto, diferentes blocos econômicos, países e regiões do mundo passaram a ter na China um importante, para não dizer o principal, parceiro comercial. O Brasil, por exemplo, com especialidade na produção agropecuária, na transformação industrial e na extração de riquezas naturais, como minério de ferro, entrou nesta seara tendo na China, atualmente, o seu maior parceiro comercial<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> O recorte temporal do texto se dá entre os anos 2003 e 2020 em razão de que, a partir de 2003 o Brasil entrou em uma fase de expansão da economia, especialmente entre 2003 e 2012. A partir de 2012 questões de cunho político-econômico internas mudaram os rumos da economia e o país voltou a apresentar crescimento tímido ou negativo. Entretanto, no mesmo período, as relações comerciais entre Brasil e China não apresentaram retração, ao contrário, ocorreu crescimento quase ininterrupto. Por essas razões é que no presente texto o recorte temporal ocorre entre os anos de 2003 e 2020.

<sup>5</sup> A China se manteve como o principal parceiro, respondendo por 31,28% das exportações brasileiras em 2021 e por 21,72% das importações. Disponível em:

Diante disso, regiões do interior do Brasil passaram a comercializar parcelas significativas de seus produtos com a China. A região Oeste catarinense, recorte espacial<sup>6</sup> neste artigo utilizado para análise, recentemente foi estudada na sua formação econômica historicamente determinada, na sua dinâmica e complexidade geoeconômica por Von Dentz (2022). No referido estudo, o autor destaca que na produção de carnes processadas, móveis, máquinas e equipamentos, madeiras e papel, dentre outros; a China passou a se apresentar como o principal destino das exportações da região. Portanto, trata-se de uma região, assim como pode ser o caso de muitas outras regiões do interior do Brasil, na qual ocorreu crescimento das riquezas produzidas em paralelo com o aumento da participação da China nas relações comerciais (exportações e importações).

Dessa maneira, para além de o presente artigo apresentar estatísticas de relações geoeconômicas da região Oeste catarinense e do Brasil com o mundo e com a China, chama-se atenção, a partir de Milton Santos (2014), de que levantar estatísticas sobre um tema estudado é muito importante. Entretanto, uma leitura tecnicista das estatísticas pode levar a interpretações errôneas sobre a realidade concreta. Por isso, a questão não está meramente em medir as quantidades, isto é, levantar as estatísticas, mas em verificar o que elas significam. Neste sentido, Santos (2014) salienta que nenhuma explicação satisfatória sobre estatísticas levantadas em relação aos mais diversos temas em estudo será satisfatória se for considerada fora de um quadro abrangente e global. Assim, se as relações comerciais da região considerada neste estudo forem compreendidas isoladamente da história do comércio exterior regional, não comportarão uma real explicação do fenômeno. A necessidade de abordar esses temas na sua totalidade é real, pois dentro de um sistema econômico e social nacional, cada região tem um papel específico e que em nenhuma hipótese deixa de ser importante (SANTOS, 2014).

Diante disso, o objetivo do presente artigo é compreender a evolução das relações geoeconômicas da região Oeste catarinense com a China a partir da análise do crescimento das relações comerciais entre a região e o país. Do ponto de vista metodológico, o artigo foi construído a partir de três passos: 1) levantamento

---

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/01/04/balanca-comercial-veja-ranking-dos-principais-parceiros-do-brasil-em-2021.ghtml>

<sup>6</sup> Desde 2017 o IBGE não utiliza o termo “Mesorregião Oeste catarinense”, uma vez que foi publicado novos estudos que lançaram outras luzes sobre a divisão regional do Brasil (IBGE, 2017). Entretanto, para esse artigo, optou-se por utilizar o recorte “Mesorregião Oeste catarinense”, delimitada pelo IBGE em 1990, para facilitar a coleta de dados exatamente dos 118 municípios pertencentes ao recorte regional por determinação do IBGE (1990).

bibliográfico sobre o tema; 2) levantamento de dados sobre as relações comerciais da região Oeste catarinense com maior atenção à China (principalmente no Ministério do Desenvolvimento, indústria e comércio do Brasil – MDIC, 2020; 2022); e 3) organização, tratamento e análise dos dados, bem como cruzamento dos mesmos com a bibliografia levantada.

O artigo, além desta introdução, está dividido em três partes: primeiramente apresenta-se um item sobre a formação sócioespacial e a evolução das relações comerciais da região Oeste catarinense com o mundo. No segundo item apresenta-se o dinamismo das importações e exportações da região Oeste catarinense entre os anos 2003 e 2020 na sua relação com a China. Por fim, na terceira parte, apresentam-se as considerações finais do artigo.

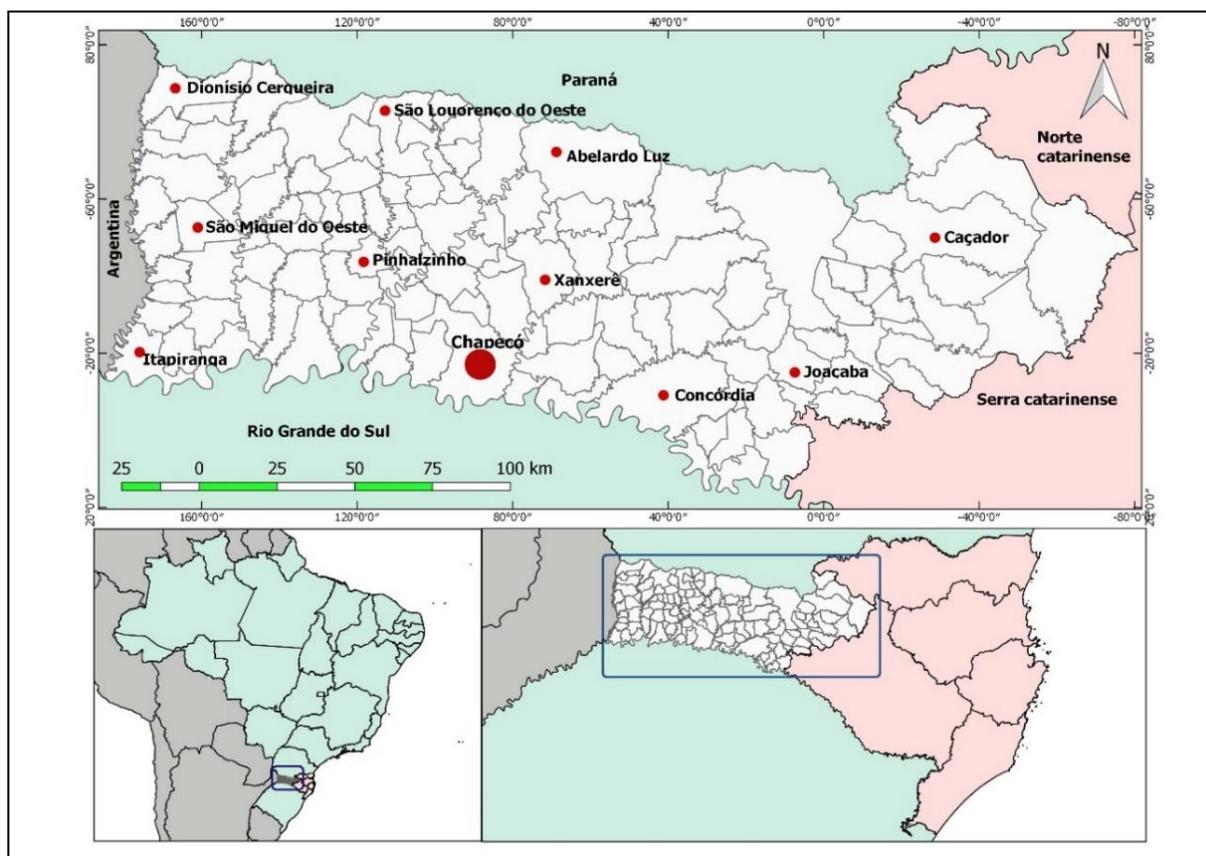
### **Formação sócioespacial e relações comerciais do Oeste catarinense com o mundo**

A mesorregião Oeste catarinense alcançou patamares de relações comerciais com diversos países do mundo, o que está ligado ao processo de formação sócioespacial que consolidou as estruturas produtivas dessas regiões combinado com o progresso técnico (SCHUMPETER, 1961) dos seus setores produtivos. Sem o aperfeiçoamento dos sistemas técnicos responsáveis pelas quantidades de produção na referida região, provavelmente estar-se-ia falando de uma região economicamente estagnada e/ou abandonada dentro do cenário econômico nacional, o que não é o caso.

Sobre a região Oeste catarinense (Mapa 01), von Dentz e Espíndola (2019) ressaltam se tratar de uma região marcada pela presença das agroindústrias que envolvem cadeias produtivas ligadas a produção de grãos, frangos, bovinos de corte, suínos e leite, principalmente (ESPÍNDOLA, 1999). Esse cenário emergiu com maior notoriedade sobretudo a partir das décadas de 1960-1970, com o aprofundamento das políticas públicas voltadas para a modernização da agricultura e da indústria no Brasil. No entanto, no período anterior a 1960, o Oeste de Santa Catarina, ao invés de marcado pela predominância de cadeias produtivas especializadas, era marcado por um complexo rural diversificado. Esse complexo rural formou-se assentado na Pequena Produção Mercantil (PPM), desde a chegada dos imigrantes ítalo-gaúchos na região, nas primeiras décadas do século XX (VON DENTZ, 2022).

Neste sentido, de acordo com a teoria da Formação Econômica e Social (Marx e Engels, 2011), combinada com a categoria formação sócioespacial de Santos (1977)<sup>7</sup>, é necessário, para compreender as nuances da realidade concreta do presente, resgatar o processo histórico de formação econômica e social na escala nacional, mas também nas regiões que compõe as nações. Essa é uma maneira de conceber a realidade concreta nas suas particularidades regionais em países com grandes dimensões territoriais como o Brasil, ou seja, valorizar o processo historicamente determinado de formação econômica e social nas particularidades regionais, inseridas em contexto nacional. No mapa 01 é possível visualizar a localização geográfica da mesorregião Oeste catarinense, sua divisão municipal e principais cidades.

**Mapa 01-** Localização geográfica da mesorregião Oeste catarinense, divisão municipal e principais cidades



Fonte: Base cartográfica do IBGE

<sup>7</sup> Pode-se dizer que a categoria formação sócioespacial (Santos, 1977) é derivada da teoria econômica e social de Marx e Engels (2011). Conforme Santos (1977), a categoria de formação sócioespacial foi criada para compreender a evolução de uma sociedade dada em sua realidade concreta. Ela deve ser entendida em conjunto da noção de espaço geográfico (produto e condição de reprodução das relações sociais), passando então a assumir o *status* de formação histórica e geograficamente localizada. Assim, cada formação sócioespacial é singular, onde os processos gerais interagem com as características particulares, gerando combinações geográficas específicas.

Em vista disso, a estrutura geoeconômica da região Oeste de Santa Catarina, até 1960, foi muito baseada na pequena produção mercantil (VON DENTZ, 2022), a qual, em um momento inicial, estava caracterizada a um comércio vizinhal-local-regional<sup>8</sup>. Todavia, essa estrutura se transformou através de um processo de desenvolvimento de aproximadamente 50 anos (entre 1960 e 2010) e passou a se constituir relações comerciais cada vez mais expressivas em escala regional-nacional-internacional. Essa transformação é inerente à destruição do complexo rural. Trata-se de uma destruição criativa à *la Schumpeter* em função das inovações em processo e produto que se fizeram presentes na estrutura produtiva e na gênese econômica e social da região.

Neste sentido, os movimentos de importação e exportação totais do Oeste catarinense entre 2003 e 2020 apontam que se tratou de uma expansão significativa. Segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC – Gráfico 01), as exportações da região saíram de US\$ 355 milhões no ano de 2003 para US\$ 1,1 bilhão em 2020, o que representa crescimento de aproximadamente 200%. Paralelamente, as importações da região saíram de US\$ 180,9 milhões em 2003, para US\$ 462 milhões em 2020, representando crescimento de aproximadamente 150%. No período sinalizado (Gráfico 01), a região obteve, em todos os anos, superávit na balança comercial, com destaque para os superávits de 2008, 2017 e 2020. Neste quesito, o superávit comercial, considerando o saldo entre exportações e importações, variou de US\$ 174 milhões no ano de 2003 para US\$ 682 milhões no ano de 2020, representando um crescimento de aproximadamente 260% no período 2003-2020 (Gráfico 01).

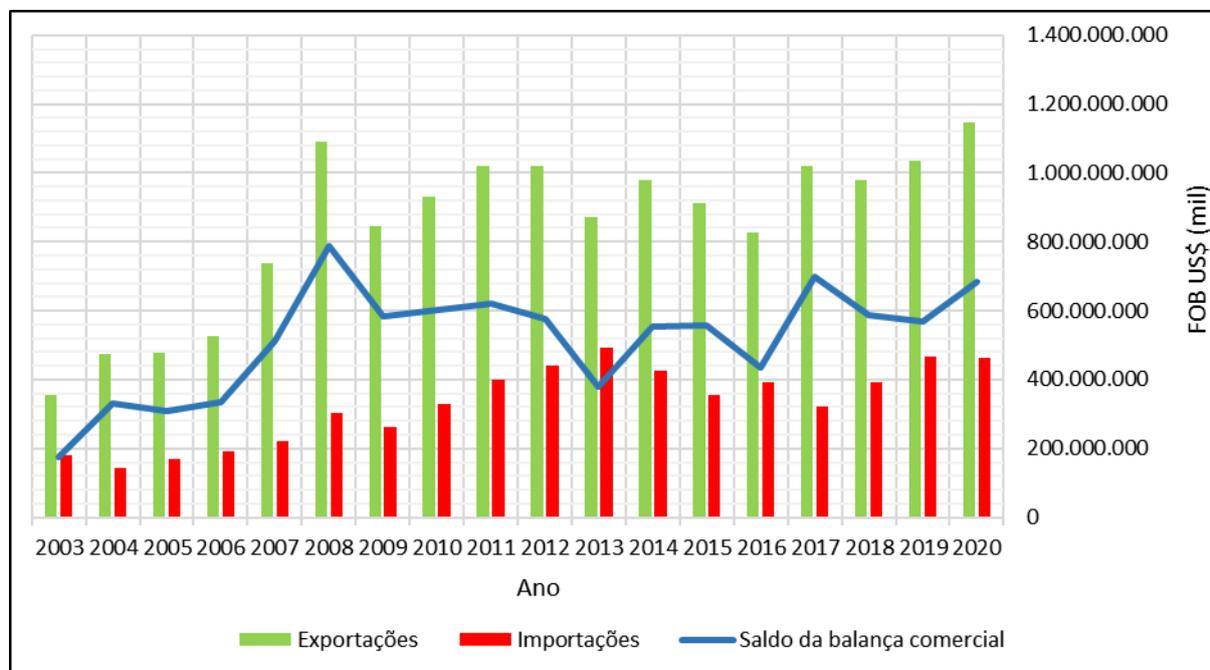
Os dados do Gráfico 01 apontam, portanto, para um expressivo crescimento das relações comerciais do Oeste catarinense com o mundo. Esse crescimento é resultado, para além da ampliação dos acordos comerciais das empresas da região com mercados consumidores de outros países; da consolidada e tecnológica estrutura produtiva da região, sobretudo no setor de processamento de carnes. Ademais, também se tratou de um crescimento derivado da ampliação dos setores dos quais a região realiza exportações de produtos, o que vai além de considerar unicamente o setor de processamento de carnes. Equipamentos e materiais

---

<sup>8</sup> As relações comerciais de caráter vizinhal-local-regional podem ser caracterizadas como aquelas de baixa complexidade, ou seja, relações de troca e venda de produtos básicos em geral derivados da agropecuária que ocorrem entre vizinhos, localidades próximas umas das outras e, no máximo, mercados que chegam à escala regional. Relações dessa natureza foram reproduzidas costumeiramente na região Oeste catarinense até os anos 1960, quando começa um processo de acentuadas mudanças técnicas.

elétricos, produtos de mecânica e de metais semi-acabados, papel e celulose, indústria química, dentre outros; são alguns dos setores que passaram a figurar da pauta exportadora dos municípios de compõe a mesorregião (Mapa 01).

**Gráfico 01-** Evolução das exportações e importações totais da mesorregião Oeste



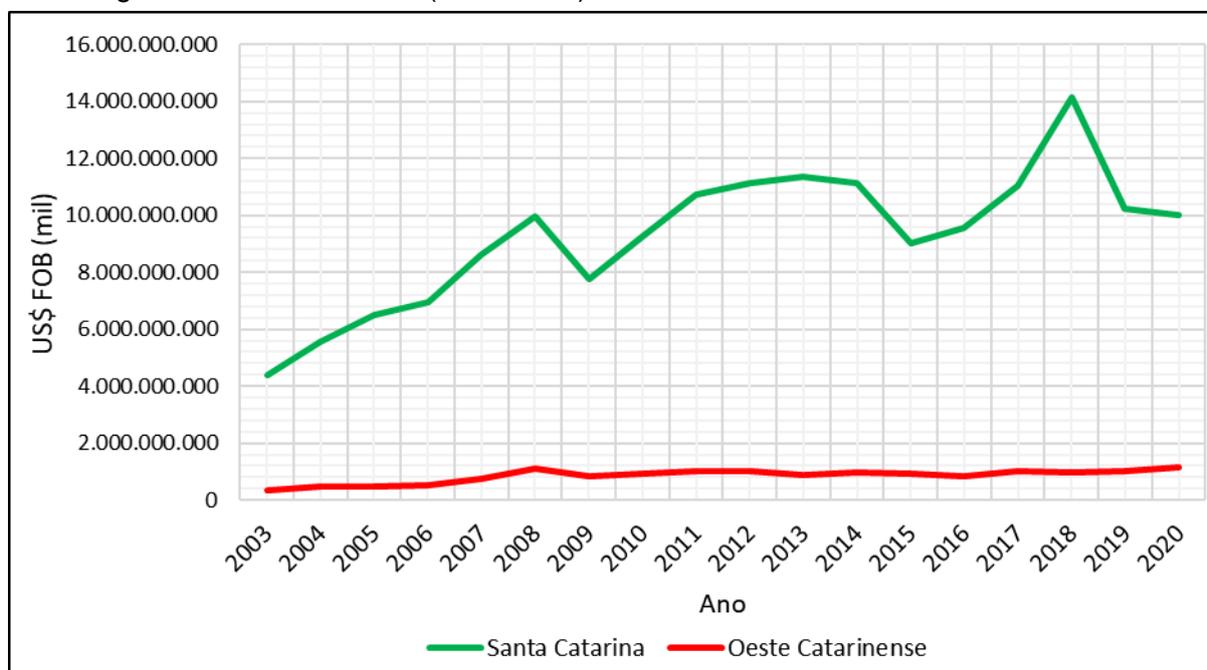
catarinense em US\$ FOB (mil) 2003-2020

Fonte: MDIC, 2020

Segundo o MDIC (2020), enquanto no início dos anos 2000 os principais destinos das exportações do Oeste catarinense foram EUA, Argentina e Alemanha, no ano de 2020 os países que mais receberam os produtos do Oeste catarinense foram EUA, Chile e China, alterando-se, portanto, os principais destinos do comércio exterior dos produtos dessa região. Ademais, segundo o MDIC (2020), do total das exportações do Oeste catarinense em 2020, 45% foram de animais vivos e produtos do reino animal (carnes resfriadas, congeladas ou frescas); 18,28% foram de madeira, carvão vegetal e obras de madeira; 15,15% foram de mercadorias e produtos diversos (fogões, caldeiras, colchão, produtos plásticos, emborrachados, móveis e suas partes); 9,1% foram de produtos das indústrias agroalimentares (bebidas, vinagres, conservas); 5,19% foram de produtos do reino vegetal (soja, tomate, milho e outros); 3,15% foram de máquinas e aparelhos (material elétrico, aparelho de gravação e reprodução de imagem e som); 1,3% foram de metais comuns utilizados em obras (pontes, pórticos, torres, pilares e armações). Em porcentagens menores, totalizando cerca de 3% das exportações, há um conjunto de outros produtos produzidos no Oeste catarinense.

Do ponto de vista das exportações totais do estado de Santa Catarina e da mesorregião Oeste catarinense<sup>9</sup>, conforme aponta o gráfico 02, ocorreu mudança na participação da região Oeste nas exportações totais do estado.

**Gráfico 02-** Evolução das exportações em US\$ FOB (mil) de Santa Catarina e da mesorregião Oeste catarinense (2003-2020)



Fonte: MDIC, 2020

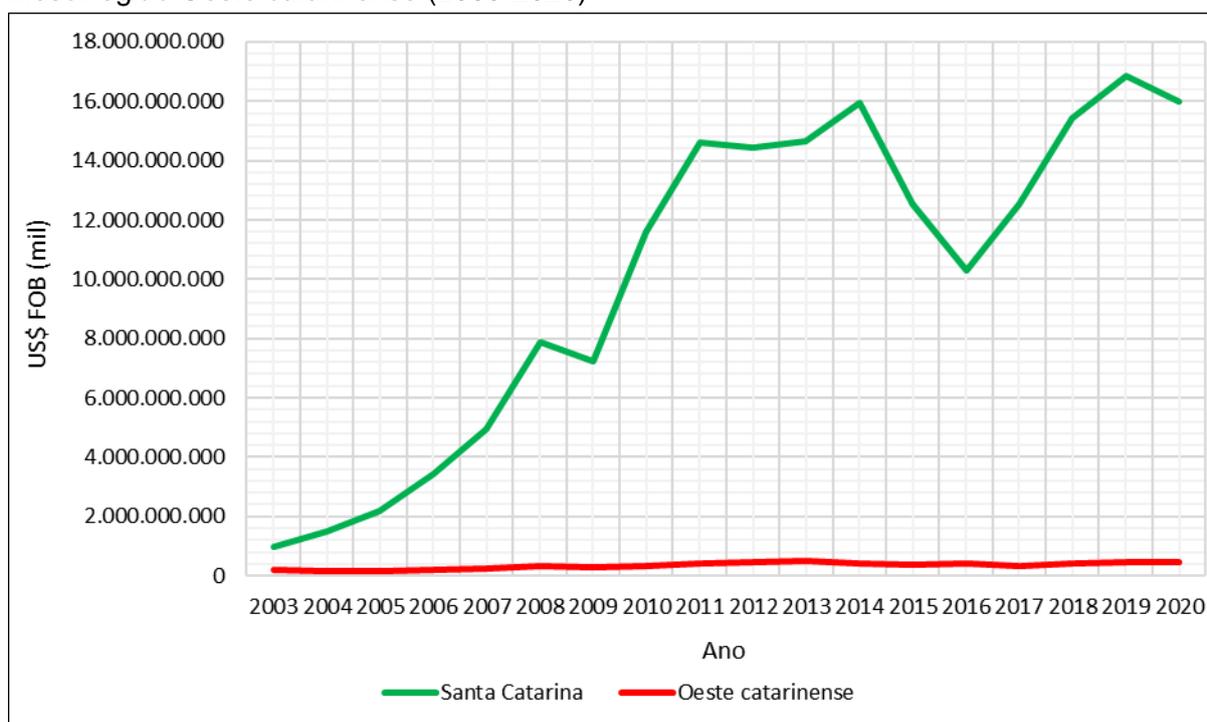
No ano de 2003, a região Oeste catarinense exportou pouco mais de US\$ 335 milhões, ao passo que o estado de Santa Catarina exportou US\$ 4,4 bilhões – que representa uma participação de cerca de 8% da região Oeste catarinense nas exportações do estado de Santa Catarina. Já no ano de 2020, a região Oeste catarinense exportou aproximadamente US\$ 1,15 bilhão, ao passo que o estado de Santa Catarina atingiu pouco mais de US\$ 10 bilhões em exportações – isso representa que cerca de 15% das exportações do estado foram oriundas da mesorregião Oeste catarinense. Tratou-se de um crescimento expressivo nessa participação entre 2003 e 2020, de maneira que quase dobrou a participação da região Oeste nas exportações totais do estado de Santa Catarina (Gráfico 02). Ainda que se trate de uma porcentagem baixa (15% no ano de 2020) na participação do Oeste catarinense nas exportações totais do estado de Santa Catarina, considerando o Valor FOB das exportações, é um dado que confirma a ampliação da capacidade produtiva regional no setor agroalimentar, mas também em outros setores com valor mais expressivo nos produtos, como o de materiais elétricos,

<sup>9</sup> Para calcular o valor das exportações da mesorregião Oeste catarinense considera-se o total exportado pelos 118 municípios que compõe a mesorregião (Mapa 01).

máquinas e equipamentos, indústria química, dentre outros; em relação aos dados de 2003 (Gráfico 02).

Do ponto de vista das importações totais do estado de Santa Catarina e da mesorregião Oeste catarinense<sup>10</sup>, conforme aponta o gráfico 03, ocorreu mudança na participação da região Oeste nas importações totais do estado.

**Gráfico 03-** Evolução das importações em US\$ FOB (mil) de Santa Catarina e da mesorregião Oeste catarinense (2003-2020)



Fonte: MDIC, 2020

Conforme o gráfico 03, no ano de 2003 a região Oeste catarinense importou US\$ 181 milhões, ao passo que o estado de Santa Catarina importou US\$ 1 bilhão, o que significa que cerca de 18% das importações do estado foram realizadas pelas empresas da região Oeste. Por outro lado, no ano de 2020 a região Oeste catarinense importou o equivalente a US\$ 462 milhões, ao passo que o estado de Santa Catarina importou o total de US\$ 15,98 bilhões, o que significa que a região Oeste do estado importou somente 2,9% do total importado por Santa Catarina no ano de 2020 (Gráfico 03). Tratou-se de uma redução significativa na participação do Oeste catarinense nas importações estaduais de 2003 para 2020. Essa diferença começou a aumentar após 2007, quando a indústria de máquinas e motores de Jaraguá do Sul, Joinville e do vale do Itajaí, passaram a necessitar de grandes quantidades de

<sup>10</sup> Para calcular o valor das importações da mesorregião Oeste catarinense considera-se o total exportado pelos 118 municípios que compõe a mesorregião (Mapa 01).

cobre, alumínio, dentre outros produtos, os quais, por exemplo, não eram necessitados na mesma proporção no Oeste do estado.

No ano de 2009 (Gráfico 03), Santa Catarina apresentou o maior valor de importações da sua história, atingindo US\$ 16,8 bilhões em importações. Desse total, 40% foi importado da China, destacando-se produtos como: cobre, fios de filamento sintético, polímeros de etileno, revestimentos de ferros e carros (MDIC, 2020). Ou seja, tratam-se de produtos, na sua maioria, requisitados nas indústrias de transformação do estado de Santa Catarina, especialmente as instaladas nas regiões Norte e do vale do rio Itajaí.

Portanto, além de as relações comerciais da mesorregião Oeste catarinense com o exterior apontarem para um forte crescimento (Gráfico 01) e para o aumento da participação nas exportações do estado de Santa Catarina (Gráfico 02), identifica-se uma forte redução do Oeste catarinense na participação das importações totais de Santa Catarina, saindo de 18% de participação no ano 2003 para 2,9% em 2020. Esse dado indica para uma espécie de consolidação da estrutura produtiva da região Oeste catarinense, a qual construiu uma base ligada aos diferentes segmentos de carnes, demonstrando alguma diversificação em outros setores, mas mantendo os segmentos dos agronegócios na dianteira.

Dessa forma, ressalta-se que ocorreu a consolidação da capacidade produtiva dos produtos dos segmentos agroalimentares (cadeias produtivas dos reinos animal e vegetal) e o incremento de novos setores produtivos na pauta exportadora da região em foco. Esse movimento é inerente à formação econômica e social da região Oeste catarinense, ou seja, permite inferir que a formação sócioespacial da região (SANTOS, 1977) foi capaz de consolidar grupos geoeconômicos no setor agroalimentar, entretanto, posteriormente a consolidação desses grupos, outros segmentos emergiram e adentraram, com maior rapidez, no rol de produtos exportados pelas empresas da região. Trata-se de setores como móveis, papel e celulose, materiais elétricos, máquinas e equipamentos frigoríficos, produtos para indústria de construção civil, materiais plásticos, dentre outros. A ampliação do comércio com a China, como ver-se-á no item a seguir, é um dos grandes fatores a ser considerado como responsável pela ampliação da pauta exportadora de uma região amplamente conhecida na sua capacidade produtiva do setor agroalimentar, mas que vai além desse setor.

A China, na esteira do que demonstram os dados em escala nacional e estadual, passou a ser o país do mundo para onde as empresas do Oeste

catarinense mais exportam, sobretudo do ano 2010 até 2020 (período em que o artigo se propõe analisar).

### **A participação da China no comércio exterior brasileiro: aproximações com a mesorregião Oeste catarinense**

Conforme apontam Jabbour e Dantas (2021), o expressivo crescimento da economia chinesa e o aumento da sua participação nas relações comerciais com diferentes países do mundo não é fruto do acaso. A ampliação da participação da China no comércio exterior da maioria dos países do mundo é resultado da efetiva capacidade de projeto da sua economia (JABBOUR e DANTAS, 2021). Essa capacidade está totalmente atrelada ao aumento da venda e compra de produtos de diversos países do mundo.

Neste sentido, os autores ressaltam como relevante considerar que as

Contínuas mudanças institucionais ocorridas desde 1978 não permitiram somente que o processo de desenvolvimento chinês incorresse em “soluções de continuidade” (Medeiros, 2013, p. 435), mas também levou a um crescimento quantitativo do setor privado na economia, enquanto que o Estado elevou seu papel de forma qualitativa via controle político do país (característica fundamental da NFES em relação às formações sociais capitalistas) – pelo Partido Comunista da China (PCCh) – que se estende pela grande manufatura, sistema financeiro, política de juros, câmbio e fluxo externo de capitais e demais mecanismos de coordenação e socialização do investimento. Esse crescimento qualitativo do setor estatal reduziu o setor privado a um ancilar e beneficiário dos efeitos de encadeamento gerados pelos GCEE (JABBOUR e DANTAS, 2021, p. 295-296)<sup>11</sup>.

Trata-se, ao referir-se a China, de um país que forjou novos complexos produtivos em forma de Grandes Conglomerados Estatais Empresariais comandados política e economicamente pelo Estado chinês. Os GCEE abrangem distintas áreas produtivas, as quais envolvem desde o setor de produção agropecuária até os mais sofisticados do ponto de vista científico o tecnológico. São empresas estatais gigantescas que, ao mesmo tempo em que possuem uma capacidade única de produção para o mercado interno chinês, também exportam quantidades e valores significativos. Esses complexos produtivos demandam insumos e produtos que por vezes não são encontrados na suficiência necessária

---

<sup>11</sup> NFES – Nova Formação Econômica e Social. GCEE – Grandes Conglomerados Empresariais Estatais. Sobre NFES e GCEE vale consultar Jabbour e Gabriele (2021), obra na qual os autores mostram como a Nova Formação Econômica e Social que ocorreu na China está atrelada à formação dos Grandes Conglomerados Estatais Empresariais. Trata-se de um livro recente, com grande difusão na academia, que explica no seu todo as transformações históricas e recentes ocorridas na China.

em terras chinesas. Neste contexto é que países como o Brasil, com capacidade produtiva ímpar no setor agropecuário, por exemplo, entra como um dos maiores parceiros comerciais da China, tanto para venda quanto para compra de produtos. Essa realidade reconfigurou a relação geoeconômica do Brasil (sobretudo as regiões interioranas com maior capacidade de produção) com China, principalmente nas últimas décadas, quando considerado as relações do comércio internacional entre ambos.

Neste sentido, antes de destacar a ampliação das relações comerciais da mesorregião Oeste catarinense com a China, cabe sublinhar que a ampliação dessas relações ocorreu na escala nacional. Conforme apontam os dados da Tabela 01, do total das exportações brasileiras, a China chegou a alcançar mais de 32% de participação no ano de 2020 (o mais recente da série histórica da Tabela 01), sendo que essa porcentagem era de apenas 6,2% de participação no ano 2003. Paralelamente (Tabela 01), as importações brasileiras da China representavam apenas 4,3% do total no ano 2003, entretanto, atingiu mais de 21% do total das importações brasileiras no ano de 2020. Esses dados demonstram a relevância de um parceiro comercial como a China para o Brasil e vice-versa, ou seja, tanto no que se refere às exportações quanto no que se refere às importações, consolidando uma parceria bilateral estratégica para ambos.

**Tabela 01-** Exportações e importações brasileiras com relação à China - Valor em US\$ FOB Milhões (2003-2020)

Ano	Valor (exp.)	Variação (%) anual (exp.)	Participação (%) no total Brasil (exp.)	Valor (imp.)	Variação (%) anual (imp.)	Participação (%) no total Brasil (imp.)
2003	4.531,2	80,1	6,2	2.143,1	38,4	4,3
2004	5.438,6	20,0	5,7	3.703,5	72,8	5,8
2005	6.826,9	25,5	5,8	5.337,3	44,1	7,1
2006	8.398,2	23,0	6,1	7.975,4	49,4	8,6
2007	10.776,7	28,3	6,7	12.596,3	57,9	10,3
2008	16.520,0	53,3	8,4	20.035,4	59,1	11,5
2009	20.994,9	27,1	13,8	15.904,6	-20,6	12,3
2010	30.747,6	46,5	15,3	25.591,5	60,9	14,0
2011	44.304,6	44,1	17,5	32.786,2	28,1	14,4
2012	41.225,8	-6,9	17,2	34.244,7	4,4	15,2
2013	46.023,2	11,6	19,8	37.325,5	9,0	15,5
2014	40.611,9	-11,8	18,4	37.349,5	0,1	16,2
2015	35.155,4	-13,4	18,8	30.714,1	-17,8	17,7
2016	35.133,3	-0,1	19,6	23.349,9	-24,0	16,8
2017	47.488,4	35,2	22,1	27.554,0	18,0	17,3
2018	63.929,6	34,6	27,6	35.157,2	27,6	19,0
2019	63.357,5	-0,9	28,7	36.028,3	2,5	19,4

2020	67.788,1	7,0	32,4	34.778,4	-3,5	21,9
------	----------	-----	------	----------	------	------

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior / Ministério da Economia (SCEAI, 2022)

No que se refere às relações comerciais da mesorregião Oeste catarinense com a China, comparado ao estreitamento das relações ocorridas em nível de país, com esta região também ocorreu expressivo crescimento. De acordo com relatórios do Sebrae (2010)<sup>12</sup>, no ano de 2010 os municípios da mesorregião Oeste catarinense tinham como destino 4,9% das suas exportações totais a China. Entretanto, no ano de 2020 a mesorregião Oeste catarinense atingiu a marca de 18,8% do total de suas exportações para a China (MDIC, 2020). Trata-se de um aumento expressivo da participação da China como destino das exportações regionais, tendo, entre 2010 e 2020, mais que triplicado essa participação. Ademais, os dados do MDIC (2020) apontam que no ano de 2020 os setores econômicos da supracitada região que mais exportaram para a China foram: alimentos e bebidas (com 42,76% de participação); agropecuário (com 36,69% de participação); têxtil, confecção, couro e calçados somados aos produtos químicos (com 10,52% de participação); madeira e móveis somado ao setor de papel e celulose (com 9,86% de participação); e, por fim, o setor de máquinas e equipamentos apareceu com 0,16% de participação das exportações da região para a China.

Já no que diz respeito às importações do Oeste catarinense, os dados do MDIC (2020) apontam que os setores dos quais a região mais importou da China foram: produtos de Tecnologia, Informação e Comunicação – TIC – (com 23,68% de participação); máquinas e equipamentos (com 17,87% de participação); metalomecânico e metalurgia (com 17,8% de participação); equipamentos elétricos (com 6,86% de participação); produtos químicos (com 6,52% de participação); fármacos (com 4,89% de participação); indústria diversa (com 4,62% de participação); e, por fim, outros produtos como dos setores têxtil, couro, calçados, móveis, etc; totalizaram 14% de das importações da região oriundas da China (MDIC, 2020).

Ao comparar-se os produtos exportados com os produtos importados que a região Oeste catarinense comprou da China, nota-se que os produtos importados, no geral, possuem maior incremento tecnológico nas suas produções, como é caso dos equipamentos das TICs, máquinas, equipamentos elétricos, produtos químicos e outros. Por outro lado, as exportações do Oeste catarinense para a China; são de

<sup>12</sup> Os dados do Sebrae, da mesma forma que a origem dos dados utilizados nas outras tabelas e gráficos do artigo, foram retirados do Ministério da Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

produtos com algum grau tecnológico, entretanto, inferior tecnologicamente se comparado ao que é importado. Tratam-se, na sua maioria, de produtos do setor agropecuário e de alimentos e bebidas processados. Além disso, o que chama atenção nos dados do MDIC (2020), é que nas exportações, para atingir cerca de 80% do total exportado para a China é preciso considerar apenas dois grandes grupos de produtos da região Oeste catarinense, isto é, o de alimentos e bebidas e o de produtos agropecuários. Entretanto, para chegar nos 80% do total que a região importa da China é preciso considerar pelo menos sete grupos de produtos, a saber: TIC, máquinas e equipamentos, metalomecânico e metalurgia, fármacos, produtos químicos, equipamentos elétricos e indústria diversa. Essa comparação mostra que a China possui, para a região em análise, uma pauta exportadora diversificada e pouco concentrada, ou seja, vários setores são necessários para atingir a maioria do que a China exporta para o Oeste catarinense. Paralelamente, a região Oeste catarinense possui, nas suas exportações para a China, uma pauta exportadora diversificada e muito concentrada no grande setor agroalimentar.

Esse é um dos possíveis indicativos que permitem inferir que a China é um país que está caminhando para uma nova fronteira tecnológica e para a dinamização da sua pauta exportadora. Por outro lado, a leitura que proporciona os dados das exportações da mesorregião Oeste catarinense permite inferir que se trata de uma região inserida na periferia do sistema capitalista, pois embora seja dinâmica, complexa e diversificada nas suas exportações, possui forte concentração dessa diversificação no grande setor agroindustrial. Com isso, o próximo passo a ser dado por regiões de economias consolidadas no Brasil, como é o caso do Oeste catarinense, pode ser o de elaborar planos de desenvolvimento econômico regionais voltados para a elevação do nível tecnológico nos seus processos produtivos, bem como buscar a ampliação da capacidade produtiva de setores estratégicos ainda pouco explorados do ponto de vista das exportações. Não se trata simplesmente de buscar eliminar as importações de produtos básicos, mas de forjar um novo passo econômico-produtivo em direção a substituição de importações que possa elevar a capacidade produtiva de setores que, para o caso do Oeste catarinense, possam ir além dos agronegócios, sem menosprezá-lo ou ignorá-los, haja vista que, no seu conjunto, respondem pela maior parcela da economia regional.

Um exemplo que pode ser citado é relacionado ao setor de máquinas e equipamentos, haja vista que pelos dados levantados, visivelmente presente na região Oeste catarinense, não atende à demanda de máquinas e equipamentos da

própria região no seu todo. Isso se verifica a partir dos dados de importações da região, os quais apontam a presença desses produtos. Assim, da mesma forma que os setores produtivos do Oeste catarinense deram passos importantes no incremento de capacidades tecnologicamente mais avançadas nos sistemas frigoríficos entre os anos 1980 e 2010, chega-se, do ponto de vista das exportações e importações do principal parceiro comercial da região, a conclusão de que é chegada a hora de abrir a matriz produtiva regional para uma perspectiva intersetorial, começando por aqueles produtos que a região demanda, mas não é capaz de produzir no seu todo ou na sua maioria.

Com isso, confirma-se que o avanço da participação da China como destino das exportações da região Oeste catarinense está muito atrelado aos produtos do grande setor agroalimentar, o qual possui importante capacidade tecnológica instalada nos seus processos produtivos. Entretanto, apesar de a região ter se especializado e diversificado sua capacidade produtiva nas últimas décadas (VON DENTZ, 2022), no caso das exportações para a China, maior parceiro comercial internacional da região focalizada, prevalecem os produtos do setor agroalimentar, principalmente o setor de carnes processadas (frangos, suínos e bovinos).

Vale frisar, em que pese a relevância dos agronegócios nas exportações para a China desde o Oeste catarinense, que faz-se estratégico os setores produtivos em aliança com o poder público possam ampliar, diversificar e complexificar ainda mais a pauta exportadora a partir de novos setores. Os próprios agronegócios podem alavancar essa ampliação, a partir de novos investimentos na produção de máquinas e equipamentos para tais segmentos, tecnologias de informação e monitoramento da produção, dentre outros. Isso se faz necessário, olhando para o caso da China, para que o Brasil, a partir das suas economias regionais, se desenvolva tecnologicamente e, além de utilizar para si essa tecnologia, possa ser um exportador, assim como os países em ascensão no mundo vem fazendo (vide a China).

## Considerações Finais

A análise das relações geoeconômicas da mesorregião Oeste catarinense com a China, entre os anos 2003 e 2020, considerando os dados de exportações e importações, permitem pelo menos três considerações finais principais.

A primeira delas é que o forte crescimento das relações comerciais entre Brasil e China também é verificado em regiões do interior do Brasil, como é o caso do Oeste catarinense, que entre 2003 e 2020 mais que triplicou as relações comerciais com a China. É necessário sublinhar que a China passou por um processo de crescimento econômico muito forte nas últimas três décadas, demandando uma série de produtos de outras partes do mundo. A especialização da produção agroalimentar do Oeste catarinense atraiu o interesse dos chineses, conforme os dados apontaram. Entretanto, o aumento dessa relação comercial se deve muito a capacidade e necessidade de compra desses produtos por parte da China.

A segunda consideração final é que as importações que a região Oeste catarinense realiza da China são mais diversificadas e com maior sofisticação tecnológica, se comparado às exportações da região. Isso demonstra que, diferentemente do que ocorria nos anos 1980, atualmente não é mais possível, considerando as importações da China nesta região, afirmar que a China se encontra na periferia do mundo. Pelo contrário, trata-se de uma nação que avançou muito na qualidade e nas tecnologias embarcadas nos produtos que exportam para outros países. Paralelamente, ainda que a produção do Oeste catarinense possua tecnologia embarcada, esta se dá em grau muito inferior do que a tecnologia embarcada nos produtos importados da China, o que permite dizer que, apesar da sua eficiência produtiva no grande setor agroalimentar, a mesorregião Oeste catarinense, pela sua pauta exportadora atual, é característica de regiões da periferia do sistema capitalista.

A terceira e última consideração final é que existem espaços e possibilidades a serem preenchidas pela mesorregião Oeste catarinense no que diz respeito ao embarcar mais valor aos produtos exportados. Uma dessas possibilidades é ampliar investimentos públicos e privados na área de máquinas e equipamentos frigoríficos, setor no qual a região adquiriu alguma expertise, mas ainda não o suficiente para não depender de parcelas importadas. Esse segmento pode se tornar referência na

região, uma vez é a região do Brasil da qual surgiram inúmeras empresas e cooperativas do ramo de processamento de grãos e carnes que se espalharam por outras áreas do Brasil e até mesmo por outros países. Entretanto, ainda importa a maior parte da sua mecânica, das suas máquinas e dos serviços de manutenção dessa mecânica. Para tanto, é também imprescindível que o governo brasileiro invista na formação técnica, científica e tecnológica da mão de obra desta região, uma vez que para criar inovações e aperfeiçoar as que já existem, é necessário a presença de instituições públicas fortes neste segmento.

A terceira consideração final precisa ser exposta no âmbito de um processo longo e de construção de novas estruturas, nas quais, aos poucos, os setores produtivos, e sobretudo o Estado, devem investir estrategicamente visando o desenvolvimento socioeconômico futuro de economias regionais, como é o caso do Oeste catarinense. Sem essa ampliação da capacidade produtiva para suprir demandas internas e para exportação, possivelmente continuar-se-á falando e analisando uma região de um futuro promissor na periferia do sistema capitalista. Se continuar como periferia do sistema pode se tornar região dinâmica geoeconomicamente, entretanto, dependente poucos setores produtivos. Esse é o caso do Oeste catarinense, mas também, possivelmente, de outros recortes econômicos regionais do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ESPÍNDOLA, C. J. **As agroindústrias no Brasil: o caso Sadia**. Chapecó. Grifos, 1999.
- IBGE. **Divisão regional do Brasil**. Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?edicao=16163>>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- JABBOUR, El. K.; GABRIELE, A. **China: o socialismo do século XXI**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- JABBOUR, E. K.; DANTAS, A. Ignacio Rangel na China e a “Nova Economia do Projeto”. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 30, n. 2, p. 287-310, 2021.
- JABBOUR, Elias Khalil; DANTAS, Alexis Toríbio; ESPÍNDOLA, Carlos José. Considerações iniciais sobre a “Nova Economia do Projeto”. **Revista Geosul** (UFSC), v. 35, p. 17-42, 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior. **Balança Comercial Brasileira: Municípios - 2020**. Brasília: MDIC, 2020. Disponível em <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercioexterior/balanca-comercial-brasileira-municipios>. Acesso em: 02 mai. 2022.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior. **Produtividade e comércio exterior**. Brasília: MDIC, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior>. Acesso em: 11 mar. 2023.

MEDEIROS, C. Padrões de investimento, mudança institucional e transformação estrutural na economia chinesa. In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.). **Padrões de desenvolvimento econômico: América Latina, Ásia e Rússia (1950-2008)**. Brasília: CGEE, 2013.

RANGEL, I. Elementos de Economia do Projeto. In, RANGEL, I.: **Obras Reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, [1959] 2005.

RANGEL, I. Dualidade Básica da Economia Brasileira. In, RANGEL, I.: **Obras Reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, [1957] 2005.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço**: a formação social como teoria e como método. In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, v. 54, jun. 1977 (p. 81-99).

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1ª ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1961.

SCEAI. Ministério da Economia. **Secretaria de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais**. Brasília: SCEAI, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/comercio-exterior-e-assuntos-internacionais>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SEBRAE. **Santa Catarina em Números**. 2010. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/quem\\_somos/santa-catarina-em-numeros,2fedd49dc3246410VqnVCM2000003c74010aRCRD](https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/quem_somos/santa-catarina-em-numeros,2fedd49dc3246410VqnVCM2000003c74010aRCRD). Acesso em: 19 nov. 2022.

VON DENTZ, Eduardo; ESPÍNDOLA, Carlos José. Dinâmica produtiva da pecuária na mesorregião oeste catarinense: especialização e diversificação da produção no período de 2000 a 2017. **Revista Geosul (UFSC)**, v. 34, p. 175-196, 2019.

VON DENTZ, E. **A dinâmica geoeconômica da mesorregião Oeste catarinense**: dos agronegócios à complexidade econômica regional. 2022. 484 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

## NOTAS DE AUTOR

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Eduardo von Dentz** - Concepção. Coleta de dados. Análise de dados. Elaboração do manuscrito, revisão e aprovação da versão final do trabalho.

**Carlos José Espíndola** – Participação ativa da discussão dos resultados. Revisão e aprovação da versão final

do trabalho.

**FINANCIAMENTO**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

**CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

**LICENÇA DE USO**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**HISTÓRICO**

Recebido em: 25-11-2022

Aprovado em: 18-02-2023